



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25
BARCELOS
Telefone 82431

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMÁRIO REGIONALISTA
POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:
Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole
Ano, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
Ano, 45\$00 e 110\$00 — Ultramar e Ilhas
Ano, 50\$00 e 160\$00 — Brasil
Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de CarvalhoComposição e Impressão: Companhia Editora do
Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 20 DE FEVEREIRO DE 1965

VISADO PELA CENSURA

Aziúmes dum homem de mau humor

por Falcão Machado

No *Roteiro Sem Fim* que Egas de Baslos Graça em *Notícias de Viana*, se fazia, há dias, um apelo a favor do Orfanato de Viana do Castelo.

Apelo feito com objectividade e razão, aflorando, com mão de mestre o problema social da necessidade dos desamparados.

Excluídas as instituições de assistência de Lisboa e Porto, há, em Portugal, metropolitano e ilhas adjacentes, 176 desses estabelecimentos consagrados à infância e juventude e todos, em 1963, prestaram assistência a mais de 24 mil beneficiados de ambos os sexos em idade escolar.

É um número considerável, tanto o de beneficiados, como o de instituições e, num país como o nosso, onde a mediania familiar pode ser categorizada de pobre, representa grande esforço de generosidade, grande acção caritativa a manutenção de uns e outras.

No entanto, consultando a relação de onde extralho estes números, tenho a impressão de que há alguma coisa errada nesta obra: a multiplicação de instituições implica uma divisão de recursos. E, talvez nem todos estejam aplicados eficazmente.

Vejo, por exemplo, uma Fundação duma vila alentejana e, nos dados numéricos, verifico que tem, a frequentar o ensino primário em instituição oficial, 3 assistidos. São os únicos da instituição?

Um Centro Social do Norte que, todos os anos, faz veementes apelos aos benfeitores, pois protege algumas centenas de crianças, preparando-as para a vida comercial, ministrando ensinamentos de agricultura e artes domésticas a dezenas de raparigas, apresenta-se, nesta relação, com 19 alunas de ensino primário e 6 de ensino técnico.

Uma Escola Agrícola de Artes e Ofícios da terra alta trasmontana,

(Continua na página 2)

Iniciaram-se os trabalhos da Construção do NOVO BLOCO HOSPITALAR para a Misericórdia de Barcelos

A construção do novo bloco hospitalar é já um facto! Começaram os trabalhos de Construção Civil que darão corpo ao majestoso edifício de cinco pisos e de 58 metros de comprimento, e que albergará o corpo principal das instalações hospitalares da nossa Misericórdia. Podemos finalmente, e com que satisfação, noticiar esta boa nova, porque as obras iniciaram-se, já se vêem alinhados os buracos onde assentarão grossos pilares, estrutura base do edifício que custará perto de cinco mil contos!

Foi dura a luta travada para que o nosso novo hospital fosse um facto e deixasse de ser obra visionada em projecto. Dura luta que originou muitos sacrifícios, canseiras sem conta da Mesa Administrativa da Misericórdia de Barcelos, que na pessoa do seu ilustre Provedor, o nosso amigo Sr. Dr. Armando do Vale Miranda, merece as felicitações de todos os barcelenses e o carinho

também mercê dos nossos esforços e da ajuda de todos nós, barcelenses presentes e ausentes.

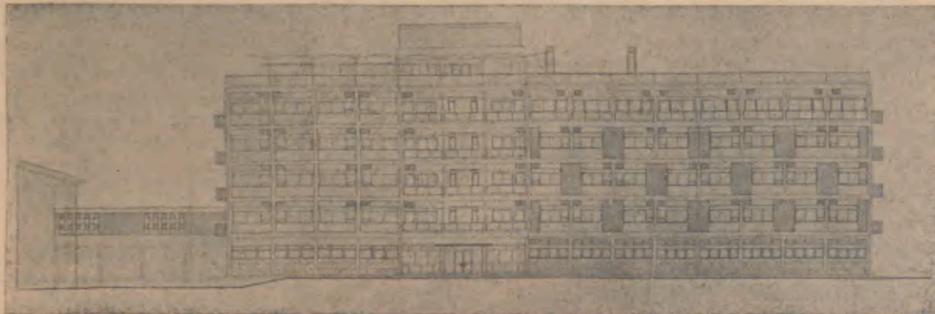
Seria lapso imperdoável se não ligássemos também ao êxito alcançado pela Mesa Administrativa os nomes de dois dedicados servidores de Barcelos e que à Misericórdia deram muito da sua actividade, os Srs. Dr. Mário Miguel Gândara Norton e Dr. Manuel Alberto Rodrigues de Faria, pois embora afastados desta Cidade em virtude dos seus afazeres profissionais, não deixaram de lutar para que esta obra se tornasse realidade como agora acontece. Um outro nome impõe-se, este como funcionário zeloso, o nosso prezado amigo Sr. António de Matos Lima, Chefe da Secretaria da Misericórdia de Barcelos.

A construção do edifício hospitalar está a cargo da Empresa do Barreiro — Grave & Minas — que também já foi a encarregada da construção do novo hospital de Vila Nova de Famalicão, mere-

cendo o aplauso dos técnicos inspectores pela eficiência da construção, pelo que é de esperar o mesmo critério de bem servir em relação a Barcelos.

Segundo nos consta, pensa a Mesa Administrativa da Misericórdia de Barcelos organizar um Cortejo de Oferendas para a obtenção de fundos necessários ao custeamento da grandiosa obra que agora se iniciou. É de crer que tal cortejo seja necessário porque os encargos são enormes, mas convencidos estamos de que os barcelenses saberão cooperar com aqueles que tão devotadamente trabalham pelo progresso da Terra.

«O Barcelense» mais uma vez felicita o Sr. Dr. Armando do Vale Miranda, ilustre Provedor da Misericórdia Barcelense pelo êxito das diligências junto das Repartições Competentes de que resultou o início desta grandiosa obra.



para amparar esta iniciativa que tem forçosamente de ser um facto, elevar-se majestosa no espaço,

Foram apresentados cumprimentos ao

Ex.^{mo} Chefe do Distrito pela passagem do 3.º Aniversário da sua posse

No Palácio dos Falcões realizou-se no passado dia 17 do corrente uma sessão solene de apresentação de cumprimentos ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Francisco Leandro Pessoa Monteiro, ilustre Governador Civil do Distrito, que nesse mesmo dia comemorou a passagem do 3.º ano da sua investidura como Representante do Governo da Nação no Distrito de Braga.

Esta cerimónia teve o patrocínio de todas as Câmaras Municipais do Distrito e foi organizada, este ano, pela Presidência da Câmara Municipal de Barcelos.

«O Barcelense» apresenta ao Ilustre Homem Público os seus cumprimentos de felicitações pela passagem de mais este aniversário na direcção dos destinos do nosso Distrito. Devido ao adiantado da hora a que se realizou a sessão solene, somente na próxima semana daremos o relevo que tão significativa homenagem carece.

D. Maria da Glória Vieira Duarte

Comemorou no dia 18 o seu aniversário natalício a Sr.^a D. Maria da Glória Vieira Duarte, extrema Esposa do nosso venerando amigo Sr. João Duarte Veloso, importante industrial da nossa Cidade.

«O Barcelense» felicita a benemérita Senhora, pedindo a Deus que a sua vida se prolongue por muitos anos mais, para que a sua acção filantrópica continue a beneficiar as Casas Assistenciais de Barcelos e os desprotegidos pela fortuna.

UMA VEZ POR OUTRA

Por A. Marques de Azevedo

Não pode ficar sem uma anotação aqui nestas colunas, a conferência que o antigo Ministro da Economia, Prof. Daniel Barbosa, proferiu na Assembleia de Guimarães, subordinada a este sugestivo título: «Misérias e Grandezas do Dinheiro». Problema candente pela flagrante actualidade de que se reveste — e sempre se revestiu — não é fácil, nem cómodo, falar do Dinheiro. É mesmo difícil e incómodo. E, hoje, talvez, mais do que ontem. Mas Sua Excelência falou e as suas palavras, cheias de verdade e de realismo, não deixaram, com certeza, de ecoar por todo o velho burgo Vimaranesense, centro industrial importante e, onde, por isso mesmo, o Dinheiro passava à vontade. E, daqui, pela importância de que se revestiram, se fizeram ouvir por toda a Casa Lusitana. Não ouvi, nem li toda a conferência. Mas o que os matutinos nos dizem, é suficiente para ficarmos cientes. Claro que o conferencista, como economista que é, se deu a tocar o decantado — ou encantado?! — problema económico.

(Continua na página 2)

NOTAS DA SEMANA

COMEMORANDO

Mais um aniversário de «O Barcelense». Número especial, com efusão de parabéns. Muitos, presentes; ausentes outros, mas sem motivo, salvo erro.

A sua falta não será ingratidão, afastada por milhenias e costumadas escusas: a presença em boda, que não podem recusar; a visita a prédios de aquisição recente; ou até a compra de bois, etc., etc.. Com a breca, não é carapuça para ninguém, nem encomendada nem propositada, mas aqueles em quem eventualmente venha a servir, podem convencer-se — e aqui o garanto à pureza — que é simples coincidência. Ou não será? A ingratidão não é sinal de ingrato? E, cuidado, que o não, por muito que o disfarçem, é sempre não. E quanto mais disfarçado, mais feio e menos digno. Dêem-lhe as voltas que lhe derem, o «non», lido da frente para traz e de traz para a frente, é sempre «non», como observou o Padre António Vieira. Melhor, senhores, o desassombro de posições e de palavras verdadeiras. Não ficará mal a ninguém.

Nunca julguei nem creio que alguém de senso comum julgará

os homens apenas pelo que dizem. Dizer é fácil; concretizar, difícil. A intenção poderá ser boa, mas esta só não basta. Pior se não anima o verbo. Inqualificável. Querer é muito; fazer é mais. Por isso, RES NON VERBA. Obras e não palavras. Mas obras concretas, coerentes, que dignifiquem, a servir o bem comum. Também nunca admirei homens e creio que igualmente ninguém os admirará só por êxitos pessoais, redundados em benefício próprio. Estes até poderão ser detestáveis. O homem, como homem, é essencialmente social e o seu mérito está no grau em que cumpre esta sua função. Por isso é que sacrificar a sociedade ao interesse individual é desvio proibitivo e intolerável. O homem só vale pelo bem que proporciona aos outros e é curioso, pelo menos, na mesma medida em que o deseja para si. Todo o resto, seria ilusão, engano funesto, ainda que aparentemente eufórico. Incoerência geradora de incoerências.

A apreciação contudo não pode basear-se exclusivamente no que se faz. Por vezes o que não se faz

(Continua na página 2)

Prémios Escolares com nomes de Minhotos Ilustres

Na Casa do Minho, do Rio de Janeiro, onde funciona a escola «Nuno Simões», foram instituídos pelo patrono dela, dois prémios de 25.000,00 cruzeiros cada um, com os nomes do General Norton de Matos e de Ilídio Nunes.

Esta iniciativa da fundação Nuno Simões, do Rio de Janeiro, vem calar

esta afirmação do grande periódico da América do Sul, queremos, humildemente, expressar ao grande minhoto que é Nuno Simões, o nosso apreço, ao mesmo tempo que transcrevemos essas palavras para os leitores de «O Barcelense», semanário regionalista que tem em Nuno Simões um amigo, como amigo é de

(Continua na página 2)



ILÍDIO NUNES

(Foto do «Barcelos Revista» 1928)

bem fundo no coração de todos os barcelenses, na medida em que exalta não só dois minhotos, mas um barcelense muito distinto, que foi jornalista intransigente, português valente, minhoto são, de pura gema, um «luso-brasileiro» como só Nuno Simões consegue ser.

Não nos surpreendeu que o grande economista, escritor e caudilho, Dr. Nuno Simões, minhoto por excelência, viesse, através da sua fundação, instituir um prémio com o nome de Ilídio Nunes. Razões de amizade e até de justa camaradagem, prendiam esses dois homens, ambos batalhadores pela continuidade da «comunidade luso-brasileira, pela sua perenidade como aliança de sangue, de língua e de cultura que é».

O Dr. Nuno Simões é, como diz «O Estado de S. Paulo», o maior jornal da língua portuguesa, «o mais antigo, persistente e convicto pugna-dor do estreitamento das relações culturais, políticas e económicas entre o Brasil e Portugal». Ao corroborar

Dr. António Novais Machado

Foi com satisfação que recebemos a notícia da nomeação para Embaixador de Portugal junto do Governo das Filipinas do nosso ilustre amigo e Barcelense distinto, Senhor Doutor António Novais Machado, que até há pouco desempenhava o cargo de Director dos Serviços Políticos do Ultramar, no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

«O Barcelense» ao cumprimentar e felicitar o ilustre Barcelense, descendente de uma das mais antigas Casas Senhoriais de Barcelos, por tão elevada distinção com que foi deferido pelo Estado Novo, o que aliás só vem realçar a craveira intelectual, moral e política do Senhor Doutor António Novais Machado, deseja ao seu eminente Amigo uma óptima estadia em Manila, capital das Filipinas, resolvendo a bom contento todos os problemas quantos surjam na Embaixada que agora vai chefiar tão honrosamente.

Manhã é Domingo

Secção dirigida por P. ARTUR

Pensamento: — «Tão grande que é o reino dos Céus, e comparou-o Jesus com a pequenez de uma semente».

Dia 21 de Fevereiro: — Domingo da Sexagésima. Missa própria (sem Glória) Credo e Pref. da S.S. Trindade. Paramentos roxos.

EVANGELHO
(S. Lucas, VIII, 4-15)

Naquele tempo, juntou-se à volta de Jesus uma grande multidão, vinda de todas as cidades.

Jesus disse, então, esta parábola: — «Um agricultor saiu para fazer a sementeira. Ora, ao lançar a semente à terra, parte dela caiu à beira do caminho. Esta foi calcada e as aves comeram-na.

Outra parte caiu em terreno rochoso; mal nasceu, logo secou por falta de humidade.

Outra parte caiu entre espinhos e estas, crescendo com ela, atrofiam-na.

A outra parte caiu na terra boa. Nasceu e deu fruto a cem por um».

Ao terminar, Jesus exclamou: «Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!» Então, os discípulos perguntaram o que queria dizer aquela parábola. E Ele respondeu:

«A vós foi dado o privilégio de conhecer os segredos do Reino dos Céus; mas aos outros é só em parábolas, para que, «vendo não vejam e ouvindo não entendam» (1)».

Bis o que significa a parábola: A semente é a Palavra de Deus. A que caiu à beira do caminho representa os que ouvem a Palavra mas, em seguida, vem o demónio e tira-lha do coração, para impedir que eles acreditem e se possam salvar.

A que caiu em terreno rochoso, representa os que recebem alegremente a Palavra, quando a ouvem. Não chega, porém, a criar raízes: acreditam por algum tempo mas, na altura da tentação, abandonam tudo.

A que caiu em terreno com espinhos, representa os que ouvem a Palavra de Deus, mas deixam-na sufocar pelos cuidados, pelas riquezas e pelos prazeres da vida. Também não chegam a dar fruto.

A que caiu na boa terra, repre-

senta os que ouvem a Palavra com um coração recto e bem disposto e produzem fruto, graças à sua perseverança».

REFLEXÃO

De dois modos quis Jesus Cristo ficar no meio dos homens: na verdade da Sua Carne e do Seu Sangue, pela Sagrada Eucaristia; e na verdade da Sua Palavra pela santa pregação.

Quando Paulo de Tasso, vomitando ódio contra os cristãos, chegou às portas de Damasco e, derrubado do cavalo e cego, ouviu uma voz que lhe dizia: — «Saulo, Saulo, por que me persegues? Eu sou Cristo a quem tu persegues»; Paulo perguntou: «Senhor, que quereis que eu faça?» — O Senhor respondeu: «Levanta-te, entra na cidade e o sacerdote Ananias te dirá o que há-de fazer».

Ao Senhor nada custava ensinar imediatamente a Paulo todas as verdades necessárias. Mas Deus quis servir-se do ministério sacerdotal de Ananias para que todos soubessem que até Paulo, o chamado «doutor das gentes» recebeu a Palavra de Deus dos lábios de um sacerdote. «Quem vos escuta a Mim escuta» — disse um dia o Senhor aos discípulos. E Paulo escutou Ananias, acreditando nas suas palavras, como teria acreditado nas palavras saídas dos próprios lábios do Divino Mestre.

A Palavra de Deus é duma potencialidade e eficácia extraordinárias, porque infinita. Ela criou o mundo, ressuscitou os mortos, deu a vida aos cegos, a saúde aos doentes, dominou as forças da natureza, converteu os pecadores. Se, portanto, esta «Semente» não produz frutos na nossa alma, sem dúvida que a culpa é tão somente do terreno, i. e. do nosso coração que a recebe.

Esforcemo-nos por ser a boa terra de que falou o Senhor: conservar bom, são e puro o nosso coração, para que a semente da Palavra de Deus, nele lançada desde meninos, vá sempre crescendo e frutificando até dar frutos de vida eterna.

Isto é ter ouvidos de ouvir, e ouvir.

(1) Isaias VI, 9.

Prémios Escolares com nomes de Minhotos Ilustres

(Continuação da pág. 1)

todos quantos labutam neste Minho encantador, seu rincão natal, que tão nobre é pela nobreza de carácter dos seus filhos.

Ilídio Nunes é natural de Barcelos, onde nasceu em 1888. Concluiu o curso geral dos Liceus no Colégio de Santo António, que existiu em Barcelos onde hoje se ergue o Grémio da Lavoura.

Com 16 anos inicia-se no jornalismo, no jornal «A Lágrima» que era dirigido pelo saudoso Augusto Soucasaux.

O seu carácter ousado, leva-o até África onde, como voluntário, participa em campanhas de pacificação nas nossas antigas colónias. No regresso dedica-se ao jornalismo profissional, colabora em vários jornais diários, sendo redactor, de muito mérito, nos jornais «O Norte» e «Jornal de Notícias» e dirige o diário «A Tarde». Com Antero de Faria e Dr. António Baltazar Pereira fundam, em Barcelos, «O Radical» que atinge raro brilhantismo. Colaborou ainda no «Barcelos-Revista» de que foi fundador com António Albino Marques de Azevedo e outros. Foi

Aziúmes dum homem de mau humor

(Continuação da página 1)

apresenta, no seu balanço escolar, 20 alunos no ensino primário em instituição familiar e 3, no ensino técnico (Comercial, Industrial ou de Artes Decorativas), também em instituição oficial.

Um Asilo Escola-Agrícolas insulano tem, nos dados estatísticos a que nos reportamos, 23 alunos em ensino primário... e mais nada.

Os dados fornecidos por uma Escola Profissional Doméstica duma vila nas cercanias de Lisboa, apresentam, somente, 3 alunas em ensino primário.

Podia multiplicar os casos; mas, estes, bastam para mostrar que há qualquer coisa errada nesta assistência: ou a instituição funciona como lar, camarata, não ministrando ensino; ou não ministra o ensino que se propõe, mas, outro, de grau inferior; ou não tem capacidade para muitos alunos.

Tenham sido fundadas pelo verdadeiro amor do próximo, como autênticas e desinteressadas obras de Misericórdia ou pela vaidade de deixar uma obra, o que, se não é tão meritório, é, no entanto, respeitável — estas instituições precisam de ser revistas e ponderadas, actualizadas.

Hoje, não podemos dar-mo-nos ao luxo de ter instituições que, sob o ponto de vista educativo, tenham programas próprios, divergentes dos oficiais e não tenham uma finalidade escolar ampla, nem que seja em articulação com o ensino oficial.

Muitas destas instituições, em localidades onde não há outro ensino senão o primário, podem — e devem — ser alguma coisa mais: o centro fomentador duma escolaridade post-primária, oferecendo oportunidades de instrução secundária, liceal ou técnica, em primeiro lugar aos seus asilados e, em segundo lugar aos jovens da terra que, tendo família e possibilidades intelectuais, não as tenham materiais, para irem estudar a outras localidades.

Deve ser este o sentido duma necessário reforma.

Falcão Machado

companheiro doutros brilhantes jornalistas, com quem conviveu de perto, como Simões de Castro, Rodrigo Solano, Duarte Solano, Vaz Passos, Sousa Martins e Herculano Nunes, seu irmão.

Querendo tentar voos mais largos Ilídio Nunes embarca para o Brasil. Nos primeiros tempos ocupa-se como jornalista no diário «A Pátria», mas como novas oportunidades surgiram, passa a dedicar-se à vida comercial, como gerente e depois sócio duma grande firma. Começa então a desenvolver o espírito de luso-brasileirismo, tornando-se num lutador a favor do desenvolvimento das relações entre os dois países. Mercê desse trabalho e como minhoto, é nomeado Presidente da Casa do Minho, do Rio de Janeiro, onde desenvolveu acção meritória com a ajuda de outros minhotos e barcelenses como Paulo Felisberto e Comendador Manuel de Azevedo Falcão, actual Cônsul de Portugal em Niterói, também grande impulsionador das instituições portuguesas do Brasil. Foi no mandato de Ilídio Nunes que se inauguraram as «Escolas Nuno Simões»!

No Brasil organiza entre a colónia minhota uma subscrição para a compra dum pronto socorro, carro que existe ainda na Corporação dos Bombeiros Voluntários de Barcelos e que tem o nome de Ilídio Nunes.

Depois duma vida intensa, gasta no jornalismo em que foi espírito brilhante, e na vida comercial e de aproximação lusa-brasileira, Ilídio Nunes morre em 1941, consagrando-lhe «O Barcelense» reportagem especial.

«O Barcelense» presta homenagem ao Dr. Nuno Simões, Homem brilhante, Minhoto ilustre, Escritor de nomeada, Amigo do seu Minho, batalhador pelo progresso da sua Terra. O seu exemplo deveria constituir a alavanca mola de uma geração de benfeitores neste Minho, mais prôpriamente nesta Terra Barcelense, tão sedenta de iniciativas culturais e de progresso que poderia ter efectivação se beneméritos barcelenses fizessem aquilo que Nuno Simões faz no seu rincão natal.

Ao Dr. Nuno Simões os nossos agradecimentos pela instituição do prémio Ilídio Nunes. Ao Sr. Décio Nunes, irmão de Ilídio Nunes, os parabéns pela honrosa deferência que coube ao seu familiar e que indirectamente toca ao nosso ilustre amigo.

Cadernos de Etnografia

Fdição do Museu Regional de Cerâmica

Em boa hora surgem os cadernos de Etnografia do Museu Regional de Cerâmica de Barcelos! Em boa hora, porque dará oportunidade a muitos jovens de se mostrarem literariamente, ao mesmo tempo que incentiva fortemente os estudiosos a debruçarem-se nos campos fecundos da etnografia, de que Barcelos é rincão de expoente muito elevado e valioso.

As nossas romarias, os costumes ancestrais que se perdem na barafunda da modernidade, a maneira de preparar as nossas terras, os instrumentos de que o lavrador se serve. um mundo de motivos que prendem, que levam os estudiosos a embrenharem-se mais e mais nos mistérios que envolvem muitas tradições. Estamos a lembrarmo-nos do ilustre professor da Escola Comercial, o nosso estimado amigo, Sr. Dr. Lapa Carneiro, espírito culto e perspicaz, que de máquina sempre pronta a disparar, calcorreia aldeias, mistura-se com a multidão e «bebe» in loco os verdadeiros factos para os seus

(Continua na página 3)

Notas da Semana

(Continuação da página 1)

também define o homem. Na terra do bom viver, faz como vires fazer. Porém, ter coragem de remar contra a maré ou, pelo menos, de isentar-se de erros e costumes degenerados e tolerados, se não até quase sancionados pelo uso, é procedimento só próprio de homens, dignos deste nome. O segredo da vida está em saber distinguir o bem e o mal, o controlável e o incontrolável. Assim, se somos dignos pela prática ou o domínio de uns, também o somos pelo conhecimento e a abstenção de outros. A omissão, se pode ser erro — e grave — também pode ser virtude e nobre.

Aqui um dos motivos para a minha homenagem a Rogério Calás, merecedor de admiração também pelo que ele não fez, pelo que ele, conscientemente, propositadamente, não quis fazer. Aliás são justos e merecidos os elogios à obra de Rogério Calás, esse homem que, sacrificando-se pela terra e pelo semelhante, apenas soube servir, em longa vida, pessoal e jornalística.

Desde sempre me ligou a melhor amizade a Rogério Calás, a quem devo inesquecível dedicação, em horas alegres e em momentos sombrios, mesmo na curva descendente da vida, a qual, sendo curva, se ora desce, logo sobe. E este vai-vem — feliz ou infeliz troço de falsários — põe tantas vezes à prova a amizade e a dedicação, na qual porém, Rogério Calás jamais embicou. Fiel e dedicado a esta constante da sua vida, para comigo e para com outros, finou-se embalado na convicção de que a dedicação, quando verdadeira, persiste para além das contingências e do próprio passamento. Já bastante doente, não olhava a sacrifícios para ir com a sua presença dedicada junto de amigo, que a sua amizade sabia ou adivinhava deprimido, a inculcar-lhe a consciência das responsabilidades, familiares e sociais, cujo êxito ou cujo fracasso são as determinantes do estado de espírito e do físico, inevitavelmente solidários.

Ao bom amigo Rogério Calás, a prece sentida de minha alma pelo seu descanso, junto, bem junto, do seio do Senhor, onde, Deus queira, nos encontremos todos um dia, que já não será dia, mas eternidade sem fim.

Mário da Gama

Prémio «GOMES PEREIRA»

Termina no fim do presente mês o prazo para a entrega dos originais ao prémio «Gomes Pereira» que a Comissão Municipal de Turismo instituiu em honra do etnógrafo barcelense Gomes Pereira.

Como o leitor deve estar recordado, este prémio visa incentivar o progresso da Etnografia Portuguesa e tem as seguintes modalidades:

Livro, 5 000\$00; Estudo sobre tema barcelense, 2 500\$00; Estudo feito por um etnógrafo jovem, 2 500\$00.

Os livros e estudos deverão entrar (cinco exemplares em qualquer das modalidades), até ao dia 28 de Fevereiro de 1965, na Comissão Municipal de Turismo — Prémio Gomes Pereira — Barcelos.

UMA VEZ POR OUTRA

(Continuação da página 1)

co-social e, daí, logicamente, falar do Dinheiro, mola mais que real de toda aquela complicada máquina. E soube falar. E soube o que disse. Disse, por exemplo, que se «torna necessário dar «grandeza» ao dinheiro, através de uma forma mais social e mais humana da sua utilização». Ora, precisamente. Dar «grandeza» ao dinheiro é que é preciso. Libertá-lo das muitas «misérias» que o sujam. Só assim se conseguirá humanizá-lo. Que o Dinheiro foi sempre um infernal tirano. E não se lhe pode perdoar a degradante escravidão a que tem sujeitoado o Homem, em todos os tempos. Torna-se, por isso, instante, imperioso mesmo, inverter os papéis. O dinheiro servir o homem e não o homem o dinheiro. E, se conseguirmos isso, teremos dado, no campo económico-social, um passo de gigante. O passo que urge dar. O passo que já devia ter sido dado.

E como tal «grandeza» só se consegue «através de uma forma mais social e mais humana da sua

utilização», como muito bem disse o aludido conferencista, o primeiro passo estaria, queremos crer, efectivamente na «integração do trabalhador na empresa, como detentor de um direito social e não de um favor patronal ou político», como acabou por afirmar. E aqui é que está o busilis. E isto é que tem de ser entendido. Ignorado pura e simplesmente como factor social a considerar, nem como «peça» da máquina que acciona o trabalhador tem sido humanamente «lubrificado». Porque tem vivido a servir o dinheiro. No comércio, na indústria, na agricultura, em todos os sectores de trabalho. É tempo, pois, de pelo dinheiro passar a ser servido. E eu creio que o será num futuro mais ou menos próximo, porque as entidades patronais, em condições de o fazer, não hão-de querer esquecer por muito tempo esta realidade, que necessidade é. Até mesmo porque quererão ser dos primeiros a ajudar a dignificar o dinheiro. Confiemos.

A. Marques de Azevedo

Banco Nacional Ultramarino LISBOA

Capital: 500.000 contos

Reservas: 291.540 contos

Banco emissor nas Províncias Ultramarinas (excepto Angola)

1864

CEM ANOS

em prol da economia e do progresso de PORTUGAL D'AQUÉM E D'ALÉM MAR

1964

Mais de uma centena de Dependências ao dispor dos seus clientes

Agentes e correspondentes em todo o Mundo

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

PELO CONCELHO

ABADE DO NEIVA

Eterna Saudade—No desenrolar da nossa vida, há coisas que custam bastante a suportar, e, uma delas é a morte, quando, menos a esperarmos ela aí está, lançando silenciosamente a sua mão traiçoeira, para nos roubar aquilo que na terra tanto amamos, e nós é tão querido.

Assim pensa uma mãe que um dia viu partir o seu filho para um campo de combate, e hoje recebe a notícia de que o mesmo partiu para a Eternidade. Assim pensam os filhos, que vêm partir para a Eternidade os seus queridos pais e que no mundo ficam a pertencer ao número dos órfãos. Pobre sorte e terrível golpe nos aparece a qualquer instante da vida!

A morte da Sr. Ana de Jesus Ribeiro, viúva de 43 anos de idade, registada no passado dia 10 do corrente, foi profundamente sentida neste meio; é que a saudosa extinta deixa 11 filhos, destes, apenas 3 de maior idade.

O seu funeral realizou-se no dia 12 do corrente, com grande cortejo fúnebre. Nele tomaram parte os organismos da Acção Católica e grande número de pessoal de todas as categorias profissionais da Têxtil João Duarte, L.ª.

O «O Barcelense» também esteve presente por intermédio do seu representante nesta freguesia, associando-se à dor que enlutou toda a família.

Também no passado dia 13 do corrente faleceu no lugar do Barreiro, o Sr. José da Costa Pereira da Silva, de 58 anos de idade. O seu funeral realizou-se no passado Domingo, dia 14.

A todas as famílias em luto os nossos pêsames.

Reforma Litúrgica.—E já no primeiro Domingo de Março e coincidindo com o Primeiro Domingo da Quaresma, que, nas Dioceses de Portugal, entrará em vigor a reforma litúrgica. A Igreja ao estabelecer e decretar uma tão profunda reforma, teve como objectivo principal tornar mais acessíveis aos fiéis as celebrações litúrgicas, para que todos nelas possam participar convenientemente.

O nosso Rev.º Pároco no intuito de esclarecer os seus paroquianos da importância desta reforma, iniciou no passado dia 7 do corrente, prolongando-a até ao fim do mês, uma série de conferências subordinadas ao assunto em epígrafe.

Serviço Militar.—Por ter sido mobilizado para prestar serviço militar no Ultramar, para onde partiu há dias, integrado numa Companhia de Caçadores, despediu-se de nós o Sr. Francisco Barbosa da Silva. Lamentamos a morte do seu querido pai no segundo dia do seu embarque, por isso ao desejar-lhe boa viagem juntamos o nosso cartão de condolências. *Pereira da Silva*

D. Glória Fernandes da Silva AGRADECIMENTO

Sua família vem agradecer, penhoradamente, a todas as pessoas que apresentaram condolências e prestaram finezas quando do falecimento da sua querida finada. Mais agradecemos os cuidados dispensados pela Ex.ª Sr.ª D. Maria Angelina Correia, no período de doença que suportou a saudosa extinta.

Barcelos, 20 de Fevereiro de 1965.
A FAMÍLIA

Farmácia de Serviço
Amanhã, Domingo encontra-se do serviço permanente
FARMÁCIA CENTRAL
Largo Bom Jesus da Cruz

ALVELOS

Melhoramentos—A Junta de Freguesia, conseguiu com os proprietários Srs. Armando Silva, nosso estimado assinante de «O Barcelense», residente no Porto e António Pereira das Costa, desta freguesia, a oferta de terreno para alargar umas curvas no caminho público, que atravessa os lugares do Socorro e Presa.

Auxiliaram nesta obra alguns moradores daqueles lugares, nomeadamente o nosso amigo e assinante de «O Barcelense», Sr. Manuel da Silva Fernandes, proprietário duma Fabriqueta de Pausaria, que sacrificou bastante a sua bolsa com este melhoramento.

É preciso alargar os seguintes caminhos para poderem também serem transitados por viaturas automóveis: da Escola ao lugar da Carreira; das Giestas ao lugar do Preto e dos Lameiros ao lugar do Pinheiro. Os proprietários confrontantes com estes caminhos, devem oferecer o terreno e todos os moradores prontificarem-se a colaborar nestes melhoramentos tão necessários, porque além outros inconvenientes, em caso de incêndio, os carros dos Bombeiros não podem aproximar-se destes lugares.

Amanhã, nesta ridente freguesia, realiza-se um festival desportivo para comemoração do 1.º aniversário da Inauguração do Campo António José Longras.

Do programa consta uma grande prova de atletismo e um sensacional desafio de futebol entre as equipas do Agulhas de Alvelos e o Negreiros Futebol Clube, disputando-se a taça António José Longras, benemérito do Clube de Alvelos.

Uma cabine sonora irradiará música. C.

FRAGOSO

Festividade—E no dia 21, domingo, que esta freguesia celebra a festa em Honra do seu Padroeiro, S. Pedro, O dia consagrado a esta solenidade é o 22 e «O Barcelense» já o noticiou em devida altura, mas como o dia 21 é domingo foi superiormente escolhido e muito bem esse dia.

As solenidades constam do seguinte: Missa Solene, Sermão e Proclamação, na qual tomam parte as lindas bandeiras da paróquia e artístico andor conduzindo a imagem de S. Pedro.

Uma cabine de som transmitirá música de acordo com o regulamento em vigor. T. Vieira



D. Ana Cândida Medros Monteiro AGRADECIMENTO

Sua família, embora já tenha demonstrado por directo cartão de agradecimento, a sua mais alta estima e profundo reconhecimento pelas condolências e outras provas de afecto recebidas quando do falecimento da querida finada, já-lo novamente por este meio, com o justíssimo receio que faltas houvesse e assim, com muita consideração, suplica as maiores desculpas.

Barcelinhos, 20 de Fevereiro de 1965.

A FAMÍLIA

Cadernos de Etnografia

(Continuação da página 2)

considerados e valiosos escritos. Lapa Carneiro não precisa das nossas palavras para o elevarmos, o Professor Jorge Dias, o maior etnógrafo de Portugal, considerou-o já um valor, dedicando-lhe palavras elogiosas, que ditas por tão grande sumidade, representam o galardão merecido para tão grande dedicação às coisas etnográficas.

Os cadernos de Etnografia surgiram recentemente, cabendo a «Museu Nacional e Museu Regionais de Etnografia» a honra, ou honrado os cadernos, de ser o primeiro caderno publicado, precisamente a conferência que o Professor Jorge Dias proferiu quando veio receber o «Prémio Gomes Pereira», com que foi galardoado.

Não fazemos uma análise do presente caderno. Tudo quanto dissessemos, seria repetir o que escrevemos em Setembro último. Acrescentamos, simplesmente, que o Professor Jorge Dias veio tornar mais ingente a necessidade de fomentar a recolha de material etnográfico que está prestes a extinguir-se, desaparecerá, mesmo, se mãos caridosas não tratar de o recolher imediatamente.

A Comissão Municipal de Turismo, na pessoa do seu incansável Presidente, Sr. Dr. Mário Cerqueira Correia, enviamos as nossas felicitações e o pedido de que continue a publicação dos «Cadernos» pois contribuirá para o desenvolvimento cultural de Barcelos.

CASAMENTO

No Mosteiro de Santo Tirso celebrou-se o casamento da Sr.ª D. Maria Júlia Ferreira de Araújo, filha da Sr.ª D. Elvira Ferreira Valente e do Sr. Joaquim Dias de Sá Araújo, com o nosso prezado amigo Sr. Adelino de Jesus Rodrigues (Pinheiro), filho da Sr.ª D. Olívia de Jesus e do Sr. António Alves Rodrigues.

Serviram de padrinhos, por parte do Noivo, a Sr.ª D. Aurora Gonçalves Calheiros e seu marido, o nosso prezado amigo Sr. Henrique José de Sousa Calheiros da Silva, e por parte da noiva a Sr.ª D. Eva Margarida de Sousa Machado e seu marido Sr. Coronel João de Sousa Machado.

No final das cerimónias foi servido um almoço num dos Restaurantes de Famalicão.

Ao jovem casal desejamos muitas felicidades.

De viagem

De visita a sua estimada irmã, partiu para a Suíça a Sr.ª D. Zulmira Silva, proprietária de «O Nosso Salão», desta cidade.

—Em viagem de negócios visitou vários países da Europa o industrial Sr. Fernando Pereira, sócio gerente da Firma Fernando Pereira & Irmãos. A todos desejamos óptima estadia.

Leonel Godinho Meira Missa de Aniversário

A Família manda rezar amanhã, na Igreja de Santo António, pelas 12 horas, uma missa de sufrágio, agradecendo a comparência de todas as pessoas a este piedoso acto.

Festa de Anos

No dia 22 do corrente tem a sua festa natalícia o nosso prezado assinante Sr. João Francisco Rios Novais, importante proprietário de Maceira. Os nossos parabéns.

Casa dos Rapazes de Barcelos

Do benemérito Sr. António Torres do Porto, recebemos mais 50\$00.

Laurinda Vieira

PARTEIRA-ENFERMEIRA — DIPLOMADA —

Partos, Injecções, Tratamentos
Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 172

Telef. 82485 BARCELOS

Máquina de Costura

Máquina de ponto aberto, Singer — Vende-se.

Impecável
Informa a Redacção

Perdeu-se

Colar de grande estimação, perdeu-se.

Gratifica-se a quem o entregar no Campo de S. José, 29.

Espelhos e Cristais

Vidro para janelas, automóveis e estabelecimentos
Telhas e tijolos de vidro

Sociedade de Cristais, L.ª

Rua do Almada, 27

Telefs. 25326-21416 PORTO

Forgunete

Mercedes-Benz, a Gasoil, impecável.

Vende: CORREIA & CARDOSO.

Telefone, 82442 — Barcelos

Vende-se Camião

Raio 30 Km.

Com licença feirante.

Informa esta Redacção.

Fogueiro

Com quinze anos de prática, oferece-se.

Informa esta Redacção.

NOVO TELEFONE

Acaba de ser instalado, com o n.º 82258 na casa

José Gomes Fernandes Cibrão

ARMADOR

MONTE REAL
Rio Covo, Santa Eulália

BARCELOS

MÁQUINAS DE COSTURA

SUPREMA

VOLGA

CISNE

À venda na CASA DOS RÁDIOS de

ARMINDO SILVA

(Ao lado do Senhor da Cruz)

Telefone 82708

Agente oficial no Concelho de Barcelos

Motores a petróleo italianos

LOMBARDINI

de 4—7,5 e 9 HP

Os mais económicos e resistentes que andam no mercado

Não vos esqueçais de comprar um motor

LOMBARDINI

Agentes exclusivos no País:

CORRÊA & CARDOSO

Telefone 82442

BARCELOS

Encamisagem, Rectificação e Renovação de Cilindros de Motores de Rega.

Motos, Scooters, Motorizadas, etc.—Reconstrução de Cambotas.

Motos JAVA

Motorizadas:

ONDA

M. S. C.

FAMEL

VANGUARD

MOTOCICLO BARCELENSE

DE

José Augusto da Silva Alves

Rua Dr. Manuel Pais

Telefone 82560

BARCELOS

Motas, Motores,

Motorizadas e

Acessórios.

Moto-Serras

«PIONNER»

Rolamentos FAG

Serviço inconfundível, sem demora e com garantia absoluta.

Os cilindros encamisados são marcados com o símbolo JASA sendo o seu resultado igual aos novos, e até por vezes superior, com a vantagem de poderem ser rectificadas.

SARRABULHO — Amanhã, Domingo — na Pensão Arantes

Especialidade nas Papis de Barcelos

CINEMA

De tão batido e rabatido que está este tema, dá logo a impressão que nada de novo e poderá dizer sobre ele. Na realidade, a necessidade dum cinema, e falamos dum modo geral, é por todos reconhecida e aceite quase dogmáticamente. Daí o discutir-se há muito a falta dum cinema em Barcelos, discussão feita sempre nos mesmos termos, apenas com ligeiras variações gramaticais, que nada trazem de novo ao problema e em nada contribuem para a sua solução. Por isso não vamos estar aqui a ocupar espaço com a repetição de que é necessário um cinema em Barcelos. Isso já foi muitas vezes afirmado, para estar bem assente no espírito de todos.

Tremos tentar ver a questão por outro prisma e então perguntaremos muito simplesmente: porque não se fez ainda um cinema em Barcelos?

Note-se desde já que falamos em «fazer, construir» e não em «reabrir» o já existente.

Este, por muito boa vontade que queiramos ter, não consegue reunir um mínimo de comodidades que permitam passar duas ou três horas de distração. No entanto, em última instância, seria uma hipótese a considerar. Estamos em crer, porém, que não haverá necessidade de recorrer a essa solução.

Voltemos então à questão que tínhamos posto: porque não se fez ainda um cinema?

Aí está uma pergunta a que é difícil responder. Falta de meios ou de terreno? Não, não é isso com certeza. Meios e terreno são coisas que não faltam aqui. Por isso temos que procurar a resposta noutro sítio. Uma possível e plausível resposta é aquela que nos diz serem os cidadãos barcelenses espíritos muito inertes que se deixam dominar facilmente pela inactividade e pela apatia.

Ouve-se dizer que é preciso fazer um cinema novo, abre-se os olhos e, entre dois bocejos, diz-se que se está de acordo, para imediatamente se voltar a mergulhar naquele sono doentio e atrofiador que paira na cidade há anos. Com certeza ninguém está à espera que o cinema caia do céu, pois não?

É lamentável que se verifique tanta falta de pressão junto de quem pode e deve mesmo construir uma casa de espectáculos, sejam entidades oficiais, sejam entidades particulares.

Das entidades oficiais não falamos, pois sabemos já bastante assoberbadas com o trabalho inerente a vários projectos de certo vulto, cuja realização está praticamente iminente.

Por exclusão de partes, ficam-nos então as entidades particulares, e antes de mais devemos exprimir aqui uma palavra de louvor à iniciativa tomada pelas direcções dos B. V. de Barcelinhos e dos B. V. de Barcelos de transformarem as suas sedes em casas de espectáculos, provisórias, já se vê. É louvável, não há dúvida, mas pouco aconselhável, pois, por um lado, a bem conhecida rivalidade

entre as duas agremiações pode conduzir à formação de duas alas entre a população, e essa divisão pode ser prejudicial à boa resolução do problema inicialmente posto, embora também possa contribuir para que essa resolução surja mais rapidamente, como é fácil entender. No entanto, é sempre uma consequência duvidosa. Por outro lado, esta «solução fácil» só servirá como sedativo que irá adormecer ainda mais profundamente o espírito barcelense.

E, enquanto isto se passa, aqueles que têm possibilidades de darem uma solução decente à questão, continuam muito calmamente a meterem-se nos seus «Mercedes» ou nos seus «Jaguar» (passe a publicidade) e irem ver cinema aonde muito bem lhes apetece?

Ver cinema? Até talvez não, pois é possível que o espectáculo do povo não esteja em plano de compatibilidade com os «Mercedes» ou os «Jaguar». Mas nós não queremos cá saber se andam ou não nos seus supercarros. Dêem-nos o espectáculo, só pedimos isso. Nós apenas possuímos bicicletas a pedal, e muitos de nós nem isso têm; não podemos por isso ir ver cinema fora.

A acrescentar a isto há o ridículo de uma população inteira numa cidade se ver obrigada a deslocar-se a outras terras se quiser ver um filme. Pelo menos assim era antes de as já referidas associações de socorros terem dado uma solução provisória, e por isso instável, ao problema.

Isto poderá até dar a sensação de um retrocesso no caminho da civilização, mas a verdade é que não passa duma manifestação de egoísmo miserável de uns poucos, à mistura com uma grande falta de capacidade de reacção de uma população inteira.

O que é lamentável e vergonhoso é Barcelos começar já a ser conhecida como a «cidade sem cinema», como já muitas vezes temos ouvido dizer em tom depreciativo, como se se estivesse a falar de um agrupamento de choupanas miseráveis, perdidas no meio da serra.

Ora a verdade é que ainda não chegámos ao ponto de viver em choupanas e por isso não devemos consentir que se tenha tal conceito da nossa terra.

F. R.

Humorismo Infantil

Na aula: — *Hó Zéquinha, diz-me lá tu quem foi a personalidade mais célebre da História de Portugal?*

O Zéquinha espevitava-se e respondeu:

— *Já sei Senhora Professora! — A personalidade mais célebre da História de Portugal, é o Eusébio... e viva o Benfica.*

PROBLEMAS DO ENSINO

I

O ensino envolve na sua complexidade um sem número de problemas que alguns países, cada um a seu modo, procuram actualmente resolver. Isso advém da crescente consciencialização dos governantes, no sentido de que começam a convencer-se de que a eficiência do ensino e a sua extensão a todas as classes sociais há-de converter-se numa onda de progresso a que todo o povo aspira. Podíamos citar os nomes dos Estados Unidos da América, do Japão ou da Alemanha para mostrar a preocupação dominante que nesses países existe pelo desenvolvimento do ensino, pela sua dispersão, pelo aperfeiçoamento dos métodos didácticos.

Quanto a nós — e conhecemos os solidários muitos países do mundo — continuamos, principalmente, a ser bons teóricos, a gastar o tempo em planos, de modo que aqui ainda é bastante confrangedor o panorama. Muito se tem dito, algumas ideias geniais têm vindo à luz, mas as reformas operadas têm incidido quase todas em problemas secundários.

Mas não é, propriamente, sobre planos orientadores de ensino ou esquemas de cursos, ou mesmo sobre o acesso que é ou não facilitado aos que desejam ingressar num estabelecimento de ensino, seja ele qual for, que se pretende falar. Podemos até dizer, francamente, que não conhecemos esse assunto tão profunda e concretamente quanto a sua exposição exigiria.

Referiremos alguns problemas particulares do ensino; os que mais chocam o eterno e mais o afligem; aquele de ver sobrecarregar duma bárbara e, por vezes, inútil tarefa o que no homem há de mais delicado e precioso, o seu espírito; os que professores e alunos, cooperando de boa vontade, podem resolver. Haverá certamente quem objecte que não valerá a pena determo-nos sobre questões de pormenor antes que sejam convenientemente modificadas as estruturas do ensino tradicional. Mas cremos que isso seria o equivalente a cruzar os braços à espera de melhores dias e a renegar um alívio para um mal que, para já, não dispõe de remédio. E, quanto a nós, cabe aos professores uma boa dose de esforço total necessário à actualização do objecto e dos métodos de ensino. Sabemos que quase todas as disciplinas dos cursos elementares e médios obedecem a programas oficialmente estabelecidos mas com alguma flexibilidade, o que permite serem mais aproveitados e desenvolvidos nuns pontos do que noutros. Isso significa que alguma coisa se pode fazer. Apenas se exige dos professores que sejam bons psicólogos e profissionalmente capazes. Implicitamente, estamos a afirmar que a violência não deve ser nunca um recurso a utilizar já que não é um argumento convincente — não o foi nunca e muito menos se-lo-ia agora quando o espírito humano se habituou a estar integrado num ambiente de racionalidade. Um professor que esteja medianamente empenhado nos domínios da psicologia sabe que o emprego da força como meio de fazer aprender ao aluno questões para as quais não se sente inclinado concorre para uma deformação da mentalidade e favorece o aparecimento de indivíduos anormais.

Há alunos — e não se pretende diminuir ninguém — em que se nota

uma falta de tendência para o estudo das matérias que constituem a base do curso em que se integraram. Isso é resultado de se não atender ao que vulgarmente se chama vocação profissional. Num caso como este o professor assume, por vezes, uma atitude passiva deixando a «coisa» correr, até porque sabe que, ainda hoje e infelizmente, há pais que se congratulam com o facto dos filhos serem estudantes e, sobretudo, rapazes e raparigas há em que trabalhar aos 15 ou 16 anos é incompatível com a sua posição social. Mas, mais humanamente e com uma mais clarividente visão das realidades presentes e futuras, cremos que compete ao professor convencer o aluno a mudar de curso se o mal lhe é inerente e se ainda for a tempo; se não for, a agradecer ao espírito esclarecido que o orientou no caminho errado.

Da tradição aferir as possibilidades dos filhos pelo valor dos pais, nas ciências ou nas letras; outras vezes, pelo brinquedo preferido ou pelas inclinações reveladores, em criança; isso é, porém, intolerável tanto mais que não há lei nenhuma que confira às aptidões um carácter de hereditariedade; e, muito menos, poderão as brincadeiras de miúdo servir de base ao estudo sério e criterioso que terá de desenvolver quando adulto.

Há outro ponto que merece uma referência especial: trata-se da mecanização do ensino e da análise da preocupação hoje bastante generalizada de simplificar excessivamente as matérias e preparar alunos para exame.

Há no ensino médio e no elementar uma tendência nefasta em abusar de fórmulas, de esquemas, de quadros de sintetização, de regras práticas. Isso atinge uma maior acuidade na matemática, na História e nas Ciências experimentais. Os teoremas mais inacessíveis da matemática e as mais complicadas leis da Física, de Química, da Astronomia ou da Psicologia traduzem-se duma maneira extraordinariamente simples através de expressões ou fórmulas que resolvem os problemas — tipo de cada assunto. E, como num exame — especialmente numa prova escrita ou prática — ninguém se preocupa que o aluno conheça ou não o significado da simbologia matemática usada, acham alguns professores que o conhecimento dessas expressões é suficiente. Depois, é usual deparar com indivíduos a resolver questões de Física, ou outras, com fórmulas de que não conhecem sequer o significado atribuído a cada uma das letras que a compõem. Esse trabalho de substituir as letras pelos seus valores e fazer as contas — como se diz na gíria académica — pode muito bem ser desempenhado pela máquina, o legítimo escravo do homem, e é de lamentar que se condene o espírito, em exclusivo, a uma actividade nada dignificante. A mecanização do ensino está na base da degradação do jovem; é lecto, portanto, protestar contra o mau hábito de preparar os alunos apenas para os exames e deplorar que em muitos casos sejam os professores os únicos responsáveis pela existência dessa situação aparente de bom aproveitamento. Seria manifesta ingenuidade da nossa parte pretendermos acabar dum momento para o outro, alguma vez, com o o homem-máquina, o técnico; isso se



UMI BEDUINO — ENFIM VAMOS TER ÁGUA

ria atingir a perfeição, seria consumir um ideal o que é, em si, contraditório; mas nada nos impede de tentarmos aproximar o homem, tanto quanto possível, dessa situação ideal, da sua plena realização.

Importa encaminhar o aluno para um campo onde alguma máquina jamais virá a dominar: o campo do raciocínio. Há que habituá-lo a formular questões e a atentar resolvê-las, e a mostrar-lhe que resolver um problema não é apresentar um resultado, é mais do que isso, é acompanhar a resolução em extensão e profundidade tão grandes quanto os conhecimentos permitem. E pode, mesmo, ir mais longe: deve atrever-se a tirar conclusões dos resultados obtidos, isto é, deve assumir uma atitude crítica perante eles. E isto para que não se confunda o matemático com o hábil manipulador das operações algébricas e dos conceitos de geometria, nem se torne o físico ou o químico pelo experimentador, o astrónomo pelo charlatão ou o médico pelo curandeiro. Mas encaminhar o aluno para a investigação ou para a descoberta dos mais elementares conhecimentos científicos implica que lhe ponham à disposição aquele mínimo indispensável de instrumentos onde aparelhos necessários à execução das experiências ou à resolução dos cálculos, implica a existência de laboratórios bem apetrechados, de gabinetes de estudo e de bibliotecas.

O aluno vai ficando cada vez mais a sós com a sua imaginação criadora e o seu poder de raciocínio; chegará o dia em que se identificará como Homem e se deixará atrofiar-se-lhe o espírito, há-de sofrer um rude golpe porque, a roubar-lhe o lugar virá a máquina que é, pelo menos, tão eficiente e, sendo mais rápida, dá um maior rendimento.

De criadores, mais do que técnicos ou mecânicos, está precisada a Humanidade. E de louvar, portanto, toda a contribuição que alguns professores vêm dando para que prevaleça no aluno um verdadeiro espírito criador.

RUI BOAVENTURA

NOTA — O artigo da última página intitulado «Critérios de Verdade» saiu mutilado. Imediatamente antes de «Creio que já deixei transparecer o seu enunciado» havia o período seguinte: «Há outro pseudo critério de verdade a que não podemos deixar de fazer referência: o critério da verdade pela quantidade.»

ECOS

Não é somente ao preencher um boletim do Totobola ou contemplando desveladamente finos tacões, porventura sustentáculos de alicianter variações rítmicas, que a nossa imaginação se liberta e, em caprichosas formas, constrói um mundo novo.

Como elementos de uma geração nova, mais sufocada que nunca pelo odor pestilento das correntes do pós-guerra, temos ainda como meio de fuga a criação de ideais à escala social, que o egocentrismo e apatia dos que hoje preponderam, nos farão cimentar e realizar num futuro que, quer queiram quer não, nos pertence.

Assim, quantos de nós se terão já debruçado sobre o que se poderia fazer em proveito de todos na terra em que nascemos e da qual nos deveríamos orgulhar? E então que nos sentimos projectados num mundo ideal, no qual erguemos uma nova e airosa urbe.

Ao regressar com uma força nova e indomável, unimo-nos e projectamos, dispostos como nunca a realizar. «É preciso agir», ouve-se sair do peito de cada um e, num sincronismo que só os novos sabem alcançar, dispomo-nos para a Acção.

Não descansemos pois, antes de ver o betão armado substituir as teólicas e falcónica estruturas alicerçadas em metal sonante.

Desejemos o cheiro dos diluentes celulósicos e nunca o dos vapores de prata que certa alquimia provoca em laboratórios de exploração humana...

Apoiemos qualquer iniciativa dos que querem realizar mesmo sob um céu saturado de «estrelinas».

Saibamos escolher para nossos chefes e representantes os que até hoje mais contribuíram para o bem estar geral.

Lembremos aos que podem aquilo que devem.

Unamo-nos aos que nos querem ouvir.

Para os outros, nada mais ansiosos que a satisfação de um dia nos terem chamado «Juventude tresloucada».

E. Encarnação

SEXUALIDADE

Em continuação do tema que empreendemos há duas semanas, falaremos desta vez das relações sexuais ilícitas, expondo serenamente o mal que daí advém e acentuando o bem, como prémio da continência.

Lamentamos espíritos eivados de preconceitos injustificáveis no fulgurante século da ciência, em aceitarem verdades da vida real, expostas abstractamente, quando se comprazem em ler, sem se escandalizarem, uma notícia do género num jornal, mas concretamente, exposta em factos. Para as susceptibilidades feridas, diremos com Clemente de Alexandria, salvaguardando o sentido naturalista da frase: «não se envergonhe o Homem de falar naquilo que Deus se não envergonhou de criar».

O rapaz de hoje é tão amplamente conhecedor dos segredos da vida, quanto esse conhecimento é imperfeito, devido à má orientação de que está revestido. Não devemos medir o rapaz de hoje pela mesma craveira do de há 30 ou 40 anos.

Hoje o rapaz está sobejamente iniciado no conhecimento da vida. O conhecimento é mais completo devido ao espírito científico que caracteriza o nosso século. Por isso com que avidez o vemos entrar nas livrarias para comprar este ou aquele livro de sexualidade, quantas vezes sem orientação alguma. E porque a ciência nem sempre é sinónimo de formação, esse conhecimento recebido sem orientação ou bebido de autores pouco reconhecíveis reverte em mal e em muito, para o indivíduo que o lê. E com esse intuito que nos lembramos escrever num jornal para que na medida do possível, se ministramos conhecimentos dependentes da orientação indispensável.

Começemos por enunciar o fim do acto sexual. E diremos que o único fim é a procriação, continuação da espécie — o prazer vem por acréscimo. Tudo o que se faz, neste campo, fora deste âmbito, trai a moral e vai contra a própria Natureza.

Se fechamos os olhos por momentos e meditarmos no conceito que o mundo hodierno faz da castidade pré-matrimonial, ficamos seriamente desapontados e erguemos em seguida, no nosso espírito, uma longa série de exclamativas interrogações. A apologia que frequentemente ouvimos de bocas devassas, creiam, não é sincera. Temos encontrado apologistas da vida fácil entre amigos, que, a sós com um amigo íntimo, se lamentam e maldizem os minutos da primeira queda. Na maior parte das vezes essas conversas são fruto duma necessidade psicológica, pois condenados pela razão, procuram esmagá-la e ao mesmo tempo justificam-se, servindo-se da válvula de escape — a palavra. Muitas vezes fala-se por senobismo e é frequente dizer-se o que nunca se fez. E estes, que deviam ser pagueiros da dignidade humana (todo o homem tem implicitamente este grave dever) são, com uma conversa escandalosa mentirosa e obscena, esteiros da vítima das suas palavras.

Porque deixou o Homem de ser Homem e baixou ainda mais baixo que o nível de alguns animais? É certo que a mútua inclinação do sexo sempre existiu desde que o Homem começou a ser Homem, porque, como tendência natural, faz parte integrante do ser animal. Épocas houve na História em que a prática sexual descambou em imoralidade, em aberração. Lembremo-nos de Roma...

Mas qual a razão porque quase o mesmo se verifica nos nossos dias? Considero, em primeiro lugar, a ignorância da gavidade de tal acto nas suas causas e efeitos, o conceito pouco elevado de moral, falta de vivência da Religião Católica que muitos hoje consideram convencional e a causa de tudo isto, que é o materialismo degenerado em existencialismo que diz: esta vida são dois dias, para além dela nada mais resta porque a morte é a destruição total, vive o tempo presente, goza, ainda que este gozo te venha a custar caro porque compensa. E enquanto que o mundo comparado ao comboio cujo maquinista adormeceu galga uma linha finita erguida entre duas profundas valas, de fim incerto no tempo e no espaço, a triplação compraz-se numa confusão e numa orgia loucas, abafando com seus histéricos berros, as vozes sensatas que ainda se ouvem, a custo.

E para se desculparem alegam a incompatibilidade da continência com a saúde — como o dissemos no primeiro artigo — e a impossibilidade de o Homem se manter casto. A rebater a primeira alegação já desenvolvida no pretérito artigo, diremos que a média da vida entre aqueles que praticam a castidade heróica oscila entre os 70 e 80 anos, enquanto que nos que se abstêm desta prática a oscilação verifica-se entre os 50 e os 60 anos, sendo por isso aqueles outros os que mais resistem à doença e à velhice.

CONTINUA

Franco de Vilas Boas

C.N.E. — Núcleo de Barcelos

Comemoração de Baden Powell

O aniversário do nascimento do Fundador do Escutismo, que ocorreu a 22 de Fevereiro de 1857, celebrará-se, como de costume, na Franqueira, no próximo domingo, dia 21 de Fevereiro, com o seguinte programa-base:

As 9 horas — Saída do Grupo 13, num grande jogo;

As 9,30 horas — Partida da caminhada para a Franqueira;

As 11 horas — Missa solenizada e alocação, na ermida;

As 12 horas — Almoço «pré-fabricado»;

As 13 horas — Reunião de Chefes;

As 14 horas — Concurso entre patrulhas;

As 16 horas — Proclamação dos vencedores e Cântico do Adeus.

Barcelos, 14 de Fevereiro de 1965.

O Chefe de Núcleo,
P.e João Pereira Linhares

Académica

Correspondência a «O Barcelense» — Página Académica — Barcelos